

**FORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO [XQUE]<sub>CONEC</sub> NO PORTUGUÊS****Maria Maura Cezario<sup>1</sup>****Thiago dos Santos Silva<sup>2</sup>****Monique dos Santos<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados de pesquisa relativos à formação histórica da construção [Xque]<sub>CONEC</sub> em português, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. O modelo para explicar a formação da construção é o da Construcionalização/Mudanças construcionais, apresentado em Traugott e Trousdale (2013) e em Traugott (2015). Essa abordagem reúne os principais pressupostos do Modelo da Gramaticalização e da Gramática de Construções para dar suporte à explicação de como as línguas mudam, com a renovação constante da rede linguística, vista como um conjunto de nós (pareamentos forma-função) conectados. Os dados foram analisados segundo os parâmetros de graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

**Palavras-chave:** construcionalização; mudanças construcionais; conectivos

**FORMATION OF THE CONSTRUCTION [XQUE]<sub>CONEC</sub> IN PORTUGUESE**

**Abstract:** This paper presents the search results about the construction [Xque]<sub>CONEC</sub> in Portuguese, based on Usage-Based Language's theorist presumptions. The approach used to explain the formation of the construction is Constructionalization/Constructional Changes, presented in Traugott and Trousdale (2013) and Traugott (2015). That model gathers the main assumptions in the Grammaticalization model and the Constructional Grammar to support the explanation of how languages change, with the constant change of linguistic network, seen as a group of nodes (form-function pairing connected). The data were analyzed, following the grades parameters of schematicity, productivity and compositionality.

**Key-Words:** constructionalization; constructional changes; connectors.

<sup>1</sup> Doutora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Pesquisadora Nível 2 do CNPq. Coordenadora do Projeto Discurso e Gramática- UFRJ. mmcezario@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando com bolsa de Iniciação Científica- CNPq-Balcão/UFRJ. thiagolettrasufrj@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda do curso de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. moniquepks@ig.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal da pesquisa é apresentar um estudo histórico da construção conectiva [Xque], que licencia microconstruções como *sempre que*, *toda vez que*, *ainda que*, *logo que*, *já que*, dentre outras. Neste artigo, vamos nos restringir às construções que tiveram como origem uma base com sentido relacionado à noção de tempo: *vez*, *já*, *logo*, *ainda* e *sempre*. Pretendemos abordar o modelo da construcionalização/mudança construcional, apresentar um estudo histórico da formação da construção [Xque]<sub>CONEC</sub> em português e trazer à discussão a configuração de redes ainda hipotéticas para explicar a formação desses conectivos.

Sabemos que os estudos de gramaticalização trouxeram importantes contribuições para explicar a formação de conectivos nas línguas e na língua portuguesa em particular (cf. Martelotta, 1996, Cezario, 2001, Lopes, 2003 e Lopes e Duarte, 2003). No entanto, precisamos rever muitos dos resultados, pois estudos construcionistas, de base cognitiva (cf. Golberg, 1995; Croft, 2001; Traugott e Trousdale, 2013; Traugott, 2015), têm demonstrado que a gramática é formada por construções (pareamentos simbólicos de forma e função) e que a formação de construções nem sempre segue a direção unidirecional apresentada pelos estudos de gramaticalização clássicos (cf. Hopper e Traugott, 1993; Heine *et alii*, 1991).

Assim, a linha teórico-metodológica que seguimos aqui é a Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Traugott e Trousdale, 2013), que lida com pressupostos da Linguística Funcionalista norte-americana e da Linguística Cognitiva, sobretudo no que se refere à Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Croft, 2001). A pesquisa insere-se numa abordagem construcionista de mudança linguística e o modelo utilizado é o apresentado por Traugott e Trousdale (2013). Neste modelo construcionista, a língua é vista como uma rede de construções, com nós e *links* de modo hierárquico. E o papel de um linguista que pretende trabalhar com Linguística Histórica passa, nesta visão, a ser voltado para o estudo das micro-mudanças que levam à mudança dos *links* e à criação ou ao apagamento de nós.

## 2 Pressupostos teóricos

Os estudos em Linguística Funcional Centrada no Uso postulam que as categorias linguísticas não são discretas. Isso significa que há sempre um contínuo entre as categorias, o

que permite a variação na sincronia e a constante mudança ao longo do tempo. No caso específico do que estamos estudando, vemos que há um contínuo categorial entre advérbio/locução adverbial e conectivo tanto na sincronia (é comum usarmos advérbios para unirmos partes do texto, assim como para unimos orações com conectivo) como na diacronia, com conectivos sendo formados a partir de advérbios (cf. Martelotta, 1996). Além do contínuo categorial, é preciso levar em conta que as construções linguísticas derivam sempre de outras, quando há ativação de algum mecanismo cognitivo (como inferência ou *chunking*<sup>4</sup>) numa renovação constante da gramática de uma língua, gramática esta entendida como rede de construções linguísticas.

Tendo em vista que há a rede de construções e o conceito de que construção é o pareamento forma-função (Goldberg, 1995), cabe-nos observar se as mudanças que afetaram uma construção levaram ou não à criação de um novo nó na rede. Ou se tais mudanças, mesmo que não tenham criado um novo nó, contribuíram para aproximar ou afastar a construção de outros tipos de construções. Também é possível verificar que, ao longo da história, um nó deixa de pertencer a um nó maior e passa para outro nó. Essas construções podem ser preenchidas fonologicamente ou podem ser esquemáticas; podem ser menos esquemáticas e passar a ser mais esquemáticas. Para isso, é preciso verificar as diferentes redes em cada sincronia.

Sabemos que uma construção (gramatical ou não) nasce de outra construção, mas a relação entre as duas pode se perder gradualmente, havendo uma redistribuição da rede. Traugott e Trousdale (2013) apresentam um modelo de mudança de acordo com essa visão e concebem que há dois tipos de mudanças linguísticas:

1) **Mudanças construcionais (*constructional changes*)** - mudanças que afetam uma construção existente. As mudanças ou são no plano da forma **ou** no do conteúdo. Nas palavras dos autores, “*a constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node.*” (p. 26).

---

<sup>4</sup> Segundo Bybee (2010), *chunking* é um processo cognitivo do domínio geral, segundo o qual formas que aparecem repetidas vezes próximas tendem a ser vistas como uma única unidade de processamento. Esse processo está presente em atividades não linguísticas (o que faz uma pessoa prever que um evento Y venha sempre depois de um evento X) e nas atividades linguísticas (o que faz os falantes usarem sempre uma determinada forma ao lado de outra).

2) **Construcionalização (*construcionalization*)** - a criação de um pareamento simbólico de forma e função, ou seja, a criação de um novo signo (um novo nó na rede). É quando ocorrem mudanças na forma **e** no conteúdo.

*Constructionalization is the creation of form (new)-meaning (new) (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of microsteps (...) (Traugott & Trousdale, p. 22).*

Há dois tipos de construcionalização, a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical. A primeira refere-se à formação de construções esquemáticas ou não que têm um papel procedural na língua, ou seja, um papel relacionado à função de ligação de elementos, de apresentação de categorias gramaticais; e a segunda refere-se à formação de construções esquemáticas ou não que têm um papel referencial, que têm conteúdo. Há ainda construcionalizações que estão no meio do contínuo léxico e gramática.

Por exemplo, podemos dizer que a formação da construção *a gente* ou [ir+V] ou [dar +V-da] (como em “Vou dar uma lida no texto”) são casos de construções formadas pela construcionalização gramatical e *ônibus-pirata*, *chutar o balde*, *jogar X pela janela* são construções mais lexicais. Como nosso fenômeno está relacionado à construcionalização gramatical, focalizaremos apenas esse tipo de construcionalização.

Segundo Traugott & Trousdale (2013), a construcionalização gramatical refere-se ao desenvolvimento de uma série de pequenos passos de mudança na forma e no conteúdo de um signo com papel procedural (de ligação).

Surge então uma pergunta: qual é a diferença desse modelo para o modelo de gramaticalização, que vinha sendo usado até recentemente dentro da Linguística Histórica? Em primeiro lugar, o modelo de gramaticalização referia-se a um tipo participar de mudança, qual seja, a mudança de um item menos gramatical para um item mais gramatical. Esse item podia ser analisado dentro de um contexto maior, chamado de construção, por alguns autores, mas esse conceito ainda não era o conceito de construção como pareamento forma-função, como estamos concebendo agora. No modelo de construcionalização/mudança construcional

qualquer tipo de mudança linguística pode ser estudada, mas o foco recai na formação de construções da língua, na renovação das estruturas gramaticais. Esse modelo contempla aspectos que não eram considerados no modelo de gramaticalização clássico (Hopper & Traugott, 1993; Heine *et ali*, 1993; Heine, 2001; Bybee, 2001), tais como:

- a formação de construções esquemáticas;
- a concepção de gramática como rede com nós conectados de modo hierárquico;
- e as mudanças que ocorrem com a construção, mas que não levavam a uma mudança categorial mais gramatical (como mudanças apenas semânticas, ou apenas fonéticas).

### 3 Metodologia

Analizamos contextos que podem ter sido os contextos originais (contextos críticos) que deram origem à construção [Xque]<sub>CONEC</sub>. Coletamos todos os dados em que apareciam as formas *vez*, *já*, *logo*, *ainda* e *sempre* e fizemos uma análise qualitativa. Verificamos esses contextos em cantigas da Idade Média e também coletamos todos os dados com a construção [Xque]<sub>CONEC</sub>, que, segundo verificamos pela análise empírica, passa a ocorrer a partir do século XVI (pelo menos no material em estudo).

Observamos os contextos dos dados e três parâmetros que vêm sendo apontados como importantes na análise construcional: grau de esquematicidade, produtividade (verificação da frequência de ocorrência e de tipo) e grau de composicionalidade. As mudanças que podem ocorrer na formação de construção gramatical:

- aumento de produtividade: há aumento dos elementos que podem aparecer num dos *slots* da construção, ou seja, há aumento da frequência de tipos de elementos.
- aumento de esquematicidade: a construção passa a ser mais abstrata à medida que as restrições de seleção de elementos diminuem;
- e diminuição de composicionalidade: a soma das partes da construção não leva ao seu significado; em outras palavras, a relação significado e significante fica cada vez mais opaca.

#### 4 Análise de dados

No latim, havia as microconstruções *postquam* (ou *postaquam*) e *antequam*, além de haver uma terceira considerada rara, a forma *priusquam* (Woodcock, 1959). O uso era limitado a essas microconstruções, havendo, portanto, pouca produtividade e nenhuma esquematicidade, uma vez que provavelmente as formas *postquam* e *antequam* eram vistas como unidades separadas, eram processadas na memória como dois itens sem relação esquemática entre eles.

No português atual há muitas microconstruções licenciadas pela construção [X que]<sub>CONEC</sub>: *sempre que, toda vez que, todas as vezes que, ainda que, logo que, já que, mesmo que*, dentre outras. Vejamos como essas microconstruções foram geradas.

Nas cantigas e documentos dos séculos XIII e XIV analisados, não encontramos as construções do tipo [Xque]<sub>CONEC</sub>. Também analisamos todo o livro *Orto do Esposo* (com data provável de fim do século XIV ou início do século XV), e, da mesma forma, não encontramos dados que evidenciassem a existência da construção em estudo. No entanto, encontramos nessa obra contextos que podemos considerar como sendo aqueles que devem ter dado início à formação da construção, que chamaremos, conforme Traugott (2015), de contextos críticos ou atípicos. Observemos os contextos abaixo:

(1) *Onde diz Jhesu, filho de Syrac: A sabedoria do humildado exalçara a sua cabeça e fara-o seer e~ meetade dos muy grandes. E diz Sam Jeronimo que os sabedores do mu~do desprezam as Sanctas Scripturas. E muyto milhores som as palauras do rostico sinprez que do leterado que diz cousas falsas. Onde aconte[ce]o hu~a uez que os sanctos bispos faziam co~celho geeral e aju~tame~to e~ hu~a cidade que chama~ Niça- (Orto do Esposo. Cap. 14)*

(2) *Ca aconteceo hu~a uez que hu~u~ home~ liurou da morte os filhos desta besta. E este home~ cayo em hu~a coua, e a besta o tirou fora dela e o pos e~ saluo [fora] do deserto, hindo co~ elle muy leda e afagando-o, e~ guisa que parecia que lhe daua graças. ( Orto do Esposo cap. 14)*

(3) *A vida dos Franceses que estão neste Rio é já não somente hoje apartada da Igreja Católica, mas também feita selvagem; vivem conforme aos índios, comendo, bebendo, bailando e cantando com eles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se*

*com as penas dos pássaros, andando nús ás vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrários, segundo o rito dos mesmos índios, e tomando nomes novos como eles, de maneira que não lhes falta mais que comer carne humana, que no mais sua vida é corruptíssima, e com isto e com lhes dar todo gênero de armas, incitando-os **sempre** que nos façam guerra e ajudando- os nela, o são ainda péssimos (Cartas: informações, fragmentos históricos sermões. (Padre Joseph Anchieta, p. 221 Sec. XVI)*

Devemos observar que as formas *vez* e *sempre* pertencem a uma oração e a forma *que* pertence a outra oração, dependente. Assim, em (2) temos a oração principal [*Onde aconte[ce]o hu~a uez*] e a oração encaixada que começa com o pronome relativo *que* tem como antecedente “*uma vez*”: [*que os sanctos bispos faziam co~celho geeral e aju~tame~to e~ hu~a cidade*]. O mesmo acontece em (2): [*Ca aconteceo hu~a uez*] é a oração principal e [*que hu~u~ home~ liurou da morte os filhos desta besta*] é a oração encaixada. Em (3) o advérbio *sempre* é o último item de uma oração e o *que* inicia uma oração que dá ideia de finalidade: [*incitando-os sempre*] [*que nos façam guerra*] (incitando-os sempre para que nos façam guerra).

Na amostra do século XVI, encontramos a construção [Xque]<sub>CONEC</sub> já formada, como nos exemplos (4) e (5). Cabe-nos então explicar com base no modelo teórico-metodológico proposto como se deu essa formação.

(4) *Era Jesus Christo pacientíssimo; com incrível paciência e mansidão estava soffrendo todos aquelles golpes, e **ainda que** lhe davam muito trabalho e dór, labora- trabalhava e soffria e vencia a ira de sua divina justiça, recordatus misericórdia; sua;, lem- brando-se daquella grandíssima mi- sericórdia, que o constrangeu a to- mar forma de cordeiro, e como tal ser esfolado e morto na cruz. (A conversão de S. Paulo, séc. XVI)*

(5) *Já **que** nesta cidade da santa Igreja tens entrado por fé, pois és christão e baptizado, entra também n'ella por caridade et serva mandata como bom- christão, que sem isto por demais esperas. (A conversão de S. Paulo, séc. XVI)*

A microconstrução *uma vez que* não aparece em *A conversão de S. Paulo* (sec. XVI). Encontramo-la no século seguinte na obra *Cartas* de Padre Vieira, como (6):

(6) *Mas **uma vez que** os índios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o pecado capital e original deste Estado, cessarão também todos os outros que dele se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.*” (Cartas. Padre Vieira. Sec. XVII).

Temos no século XVI e XVII:

_____ que
<u>Depois</u> que
<u>Antes</u> que
<u>Toda vez</u> que
<u>Sempre</u> que
<u>Já</u> que
<u>Logo</u> que

Diante do fato de não haver dados da construção [Xque]<sub>CONEC</sub> na amostra do século XIV e XV e de já haver várias microconstruções no século XVI, podemos fazer duas perguntas:

- (1) Houve construcionalização com cada forma, criando assim as várias microconstruções, cada qual com sua história?
- (2) Houve uma analogização em algum momento próximo ao século XVI levando as formas com valor temporal à posição de X?

A resposta que podemos dar por enquanto é: houve os dois fenômenos, mas é preciso analisar cada microconstrução licenciada e verificar os passos da mudança que levaram à construcionalização, ao novo pareamento forma-função, conforme demonstraremos a seguir.

A análise dos dados, com observação minuciosa dos contextos críticos e os usos posteriores das construções, nos permitem traçar os prováveis passos para a formação da construção [Xque]<sub>CONEC</sub> no português.

Inicialmente as formas “todas as vezes”, “sempre”, etc, estavam na oração principal e eram seguidas por que com valor de pronome relativo ou como conjunção. Pela repetição de uso do adverbial em posição de fim de oração seguido pelo conectivo que, a forma foi reinterpretada, passando todos os elementos a ser vistos como conectivo (pelo processo cognitivo denominado *chunking*, segundo o qual duas ou mais formas frequentemente usadas



juntas tendem a ser vistas como uma única unidade e são processadas como um bloco, um *chunk*. (cf.Bybee, 2010)).

Notamos que houve perda da composicionalidade com a convencionalização das formas: no *Orto do Esposo* ainda há composicionalidade porque as bases são interpretadas com valor temporal e pertencem à oração principal. A partir do século XVI, essas formas perdem a composicionalidade pela rotinização do uso e passam a formar uma única unidade (provavelmente isso ocorreu antes na oralidade). Algumas formas mantêm o valor temporal, como sempre que, toda vez que; mas outras ganham novas funções, como uma vez que (condicional e causal) e já que (causal), por transferência metafórica induzida pelo contexto. Também ocorre esquematização, e outros elementos podem ser usados no *slot X*.

Defendemos, assim, a tese de que esse processo pode ser chamado de construcionalização, pois cada microconstrução é um novo pareamento de forma e função. Assim, houve a formação de novas microconstruções na língua portuguesa. Ocorre aumento de produtividade nos séculos seguintes, uma vez que muitas formas podem preencher o *slot*, como *mesmo* (que não tem sentido original ligado à ideia de tempo quando está na construção Xque: *mesmo que*). Como a construção esquemática também tem sentido (cf. Golberg, 1995), *mesmo*, ao entrar para o *slot X*, pode ser interpretado como parte de um dos sentidos da construção, como o de concessão presente também em *ainda que*. Hoje, inclusive, há formas não aceitas pela norma culta, como por causa que.

Assim, vimos que houve quatro fases bem distintas:

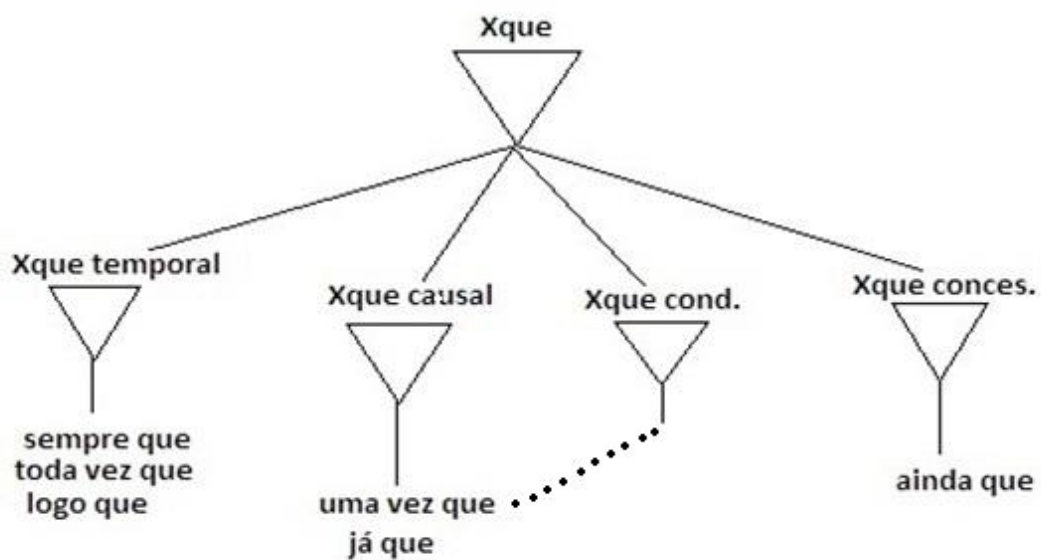
- ▶ Tempo 1 – Latim- constructos *postquam*> depois que; *antequam*> antes que – em rede com outros conectivos com outras formas completamente diferentes.
- ▶ Tempo 2 (sec. XVI)

Rede 2



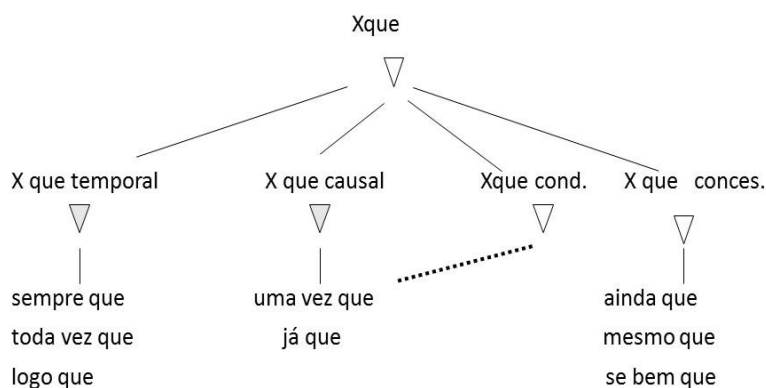
► Tempo 3

Rede 3



► Tempo 4 - português atual

## Tempo 4:



Em cada estágio desses, houve reorganizações da rede construcional, isto é, da gramática da língua, uma vez que novos nós (pareamentos forma-função) surgiram e estabeleceram conexões sintáticas e semânticas com outros elementos que já existiam. Por exemplo, quando surge uma construção como *uma vez que* com valor causal, tal construção passa a se conectar semântica e distribucionalmente com outra construção que não teve a mesma origem, a construção *porque*. A construção *mesmo que*, que surge por analogia (a palavra *mesmo* foi atraída para o *slot X* da construção [Xque]<sub>CONEC</sub>), passa a ser parte do paradigma que inclui o conectivo “embora”, que por sua vez tem outra origem na língua.

Vemos nos exemplos abaixo, já do português oral contemporâneo, o uso de *mesmo que* com valor concessivo, em variação com *ainda que* e com *embora*. Santos Silva e Cezario (inédito), observando a produção oral do *corpus* Discurso e Gramática, concluem que *mesmo que* e *ainda que* são mais frequentes no português do Brasil do que *embora*, que parece mais formal e, portanto, mais típico de situações de escrita formal.

(7) *eu estou me realizando como um ...como um indivíduo da sociedade... mesmo que ... dentro do ... da nossa sociedade um curso de filosofia num ... num valha muita coisa né ... dentro do nosso mercado de trabalho ... (Corpus D&G)*

(8) *eu pego o creme de leite... que já deixou na geladeira... tiro o soro... coloco na panela o creme de leite... cozinho... ponho em fogo brando... pra ele ficar mais gostosinho... vejo se*

*está bom de sal...porque eu não gosto de colocar sal antes de provar... mesmo que ele esteja sem sal nenhum... você prova... porque entra o alho... entra um pouquinho... sabe? (Corpus D&G)*

O uso de *se bem que* ainda é mais informal do que o de *mesmo que* e de *ainda que* e vem sendo usado em orações com verbo no indicativo, modo menos marcado na língua oral:

(9) *é primogênito ... era primogênito era o filho que ele dava mais valor né ... na época ... se bem que continua igual a essa ... o mais importante mesmo é o primogênito ... (Corpus D&G)*

(10) *tinha aparecido também ... mas se bem que ele apareceu como se fosse vivo ... que ela foi pegar e tudo né ... e ele sem saber como é que foi aquilo né ... (Corpus D&G)*

Concebemos que *se bem que* é parte da mesma construção, mas na verdade há duas construções na base da origem de tal construção: uma com a estrutura condicional *se* e outra com a construção *Xque*. A literatura linguística demonstra que é muito comum a formação de construções a partir de duas ou mais construções, através de redes de heranças múltiplas. Como as partes de uma construção podem se integrar a ponto de o usuário da língua não reconhecê-las mais como formas independentes, um novo pareamento pode emergir. Tal pareamento também vem a competir com os usos dos elementos que podem preencher o *slot* da construção [Xque]<sub>CONNECT</sub>, mais abstrata.

Como vemos, novos nós surgem, paradigmas são ampliados, novas conexões são feitas. Sendo assim, cabe ao linguista, nesta visão de mudança construcional, estudar os micropassos de mudança que levam à formação de uma construção, mas também as conexões entre construções, ou seja, mudança e variação podem ser contempladas nesta abordagem teórica. Ao contrário do modelo da gramaticalização que desvendava a unidirecionalidade de uma forma que se tornava paulatinamente mais gramatical, o modelo construcional verifica os micropassos da mudança na forma e no conteúdo de um pareamento, ou seja, de um nó na rede, e verifica as relações de nós com os nós de origem e com os nós que estão em competição numa dada sincronia.

## 5 Considerações finais

Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, verificamos os contextos críticos para a formação da construção em estudo e estabelecemos as mudanças construcionais que ocorreram até a formação da construção. Também explicamos como a construção teve sua produtividade ampliada: em alguns casos, vimos que outros advérbios com sentido de tempo foram usados no *slot* da construção, como *logo* (*logo que*); noutros casos, vimos que os falantes fizeram analogias e recrutaram formas com sentido básico muito distinto. Mas como demonstraram os estudos construcionistas, a própria construção esquemática tem um sentido (cf. Golberg, 1995). Assim, uma forma como “mesmo”, ao ser usada na construção [Xque]<sub>CONEC</sub>, ganha um dos sentidos da construção, que é a de oposição, e fica no mesmo paradigma de *ainda que*.

Resumindo, vimos que:

- Temos um caso de construcionalização na história da formação de [Xque]<sub>CONEC</sub>, que surge após várias mudanças construcionais. Como a construção tem papel procedural, concebemos que se trata de construcionalização gramatical.
- As mudanças podem ocorrer na forma e no conteúdo gradualmente, levando a um novo nó na rede. Ocorre, na diacronia de uma língua, a redistribuição dos nós e links da rede.
- A análise preliminar dos dados nos leva a crer que o esquema conectivo abstrato [Xque]<sub>CONEC</sub> surge no século XVI com o *slot* X sendo preenchido inicialmente com as formas que denotavam tempo e mais tarde por outras formas. Houve assim a redistribuição da rede da língua portuguesa com a formação da construção e o recrutamento de formas para preenchimento do *slot* X.
- A construção ganhou novos sentidos, como causa, condição e concessão, por inferências criadas por metáforas tendo como base o tempo.
- O *slot* X atraiu por analogia formas com sentido diferente do sentido de ‘tempo’ como *mesmo* (*mesmo que*), *bem* (*se bem que*), e a microconstrução guarda sentido das construções de origem.

A rede da construção [Xque]<sub>CONEC</sub>, antes com um nó, apresenta vários nós no português atual; e se conecta com outros nós dentro da construção “conectivo adverbial” no português. O nó da construção mesmo que está próximo do nó de embora, por exemplo.

## Referências bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *A conversão de São Paulo* [1568]. São Paulo: Oficinas Salesianas, 1895.
- ANCHIETA, José de. *Cartas: informações, fragmentos históricos sermões*. [1554-1594]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.
- BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003.
- CAMPOS, J. L. A Gramaticalização da Construção *Xmente*: uma história do Latim ao Português. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2013.
- CEZARIO, M. M. & SANTOS SILVA, T. A construção *embora* na fala e na escrita: uma abordagem baseada no uso. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.
- CEZARIO, Maria Maura & FURTADO DA CUNHA, Angélica (Orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.
- COSTA NUNES, J. *Mente de Antigamente*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado, 2014.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica: linguística e filologia*. 7a ed. Rio de Janeiro: ao livro técnico S/A- Indústria e Comércio.
- CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da Língua Latina*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. 2ºed. rev. e aum. Brasília: FAE, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam e Philadelphia. J. Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, Adele. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, Bernd. *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd. *Grammaticalization*. In: JOSEPH, B. D. e JANDA, R. D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HOPPER, Paul. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MALER, Bertil (ed.). *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MARTELOTTA, Mário E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. INCM, 1989.

MAURER JUNIOR, H. Th. *Gramática do Latim Vulgar*. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. 1959.

NOËL, D. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. 2006. Disponível em: <:// http hub.hku.hk/handle/123456789/38694>. Acesso em: 10 jul. 2012.

OLIVEIRA, Mariangela Rios e CEZARIO, Maria Maura. *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: EDUFF, 2012.

RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela & ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª ed, vol. 19, Melhoramentos, 1971.

SANTOS, M. & CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [xque]conec no português. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.

TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: Kytö, M. (ed). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 221-255, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: Jóhanna Bar dal; Elena Smirnova; Lotte Sommerer; Spike Gildea. (Org.). *Diachronic Construction Grammar*. 1 ed Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

VIEIRA, António. *Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo (Tomo 1)*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1925.

Recebido em 12/09/2015.

Aceito em 25/09/2015.